

## **A inclusão do processo de formação inicial docente em grupos sociais e relações interpessoais**

*The inclusion of the initial teacher training process in social groups and interpersonal relationships*

**Daniela Cristina Pereira Ramos**

Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Brasil  
[danielacristinna@gmail.com](mailto:danielacristinna@gmail.com)

*Páginas 1-8*

*Fecha recepción: 18-02-2020*

*Fecha aceptación: 20-05-2020*

### **Resumo.**

Neste trabalho, tratamos de conceitos aparentemente pouco problemáticos: os conceitos de grupos e relações interpessoais atrelados ao processo de formação docente inicial, portanto encontramos em diferentes autores dos campos da educação, ciências sociais e psicologia abordagens sociais e multiculturais consensuais sobre a formação e consolidação da docência no interior de grupos sociais. Dessa forma por meio das discussões realizadas evidencia-se que o processo de formação inicial docente ocorre em meio as relações interpessoais, estas constituídas no interior dos diversos grupos sociais como o familiar, religioso, institucional, político entre outros. Contudo, tendo enquanto base a reflexão efetivada conclui-se que o processo de formação docente objetiva formar-se tanto no interior das relações e grupos como também é constituído por relações interpessoais, refletir sobre essas relações são uma forma de contribuir para a construção de uma educação inclusiva, bem como a organização de práticas e processos já consolidados, pois tais atividades do exercício da docência apenas se consolidam de maneira positiva se houver o olhar para o "outro" demarcado por inclusões de alteridade, e acolhimento às diferenças em um processo de escuta de si.

**Palavras-chave:** formação inicial docente, grupo; relação, outro, acolhimento

### **Abstract.**

In this work, we deal with concepts that are apparently not very problematic: the concepts of groups and interpersonal relationships linked to the process of initial teacher training, so we find in consensual social and multicultural approaches in different authors in the fields of education, social sciences and psychology about the formation and consolidation of teaching within social groups as the goal of inclusive education. Thus, through the discussions carried out, it is evident that the process of initial teacher education takes place in the midst of interpersonal relationships, these constituted within different social groups such as the family, religious, institutional, political, among others. However, based on the actual reflection, it is concluded that the teacher training process aims to be formed both within relationships and groups as well as interpersonal relationships, reflecting on these

relationships are a way of contributing to the construction of a inclusive education, as well as the organization of practices and processes that have already been consolidated, as such teaching activities are only consolidated in a positive way if there is a look at the "other" demarcated by inclusions of alterity, and welcoming differences in a process of listen to yourself.

**Keywords:** initial teacher training, group, relationship, other, host

## **1.-Introdução.**

A docência é uma profissão que lida diretamente com o público. O processo de formação docente assim como o exercício da profissão também é coletivo. Dessa maneira é inegável que na sala de aula são formadas relações humanas e sociais. Estas relações demarcam e moldam os processos de ensino e aprendizagem.

O presente ensaio objetiva discutir as associações entre o processo de formação docente inicial e os conceitos de Grupos e Relações, refletindo sobre a maneira como estes dois temas e o processo de formação docente estão articulados para a finalidade de uma educação inclusiva.

Ao refletir sobre estes conceitos o cerne da discussão proposta gira em torno do seguinte questionamento:

Para a concretização de uma educação inclusiva forma-se através das relações interpessoais ou para as relações interpessoais? Buscaremos responder tal questionamento ao longo das reflexões empreendidas. Enquanto considerações iniciais trazemos os postulados elaborados a partir de Cunha 2004:

"A formação do educador é um processo acontecendo no interior das condições históricas que ele mesmo vive faz parte de uma realidade concreta determinada que não é estática e definitiva é uma realidade que se faz no seu cotidiano. Por isso é importante que esse cotidiano seja desvendado." (Cunha, 2004, p.36).

De acordo com o exposto nos formamos educadores no interior das experiências vividas. A formação docente acontece na partilha de vivências no interior de grupos e de um cotidiano composto por interessoalidades.

Não apenas no processo de formação que o educador irá se deparar com a interessoalidade. No decorrer de sua prática tais relações se consolidam como mais intensas, pois impactará diretamente a sua atuação cotidiana enquanto profissional.

Embora desejemos distinguir em sala de aula, o tipo de comportamento que devemos ter com os alunos, nem sempre é possível deixarmos para trás situações da nossa vida particular fora do espaço escolar, pois querendo ou não, somos afetados e afetamos o outro em nossas experiências.

"A inclusão pode ser entendida como — um conjunto de práticas que subjetivam os indivíduos a olharem para si e para o outro, fundadas em uma divisão platônica das relações". (Veiga Neto e Lopes, 2011, p. 126)

Mediante a isto podemos concluir que a docência é consolidada a partir da relação com o outro. Percebemos-nos enquanto professores a partir do momento em que percebemos o outro enquanto professor; as particularidades do outro das quais eu identifico enquanto minhas ou não, em um processo de reconhecimento e alteridade. Todo processo identitário origina-se entre sujeito e sociedade estabelecidas por complexas relações de alteridade.

Hall (2011) será esclarecedor deste termo tão complexo ao desenvolver que esta identidade não precisa ser fixa, é instável e consolidada ao longo das vivências.

“A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas da falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.” (Hall, 2011, p. 39)

Como podemos apreender esta identidade é formulada coletivamente no interior de grupos a partir da nossa convivência com o social e conosco. Postas as considerações iniciais se faz refletir como se dá o processo de formação docente no interior de todos os grupos nos quais convivemos como no grupo do trabalho, no grupo familiar, no grupo religioso e outros.

## **2.-Formação inicial docente e o conceito de Grupo e papéis sociais.**

O processo de formação inicial docente se constrói no interior de grupos. Se buscarmos em Carvalho (2019) o conceito de Grupo obteremos duas definições principais: “parte homogênea de um conjunto de uma dada classificação” ou “conjunto de coisas ou seres de uma mesma natureza, com características comuns”.

A definição de grupo estabelecida por Freire (1995) É um conjunto de pessoas reunidas com um objetivo mútuo e mesmas atividades, havendo dois tipos de grupos: Os primários (compostos pela família) e o secundário formado pelas demais organizações sociais, como trabalho, a igreja e outras instituições é através da vivência no interior desses grupos em que ocorre a formação do professor.

Na formulação grupal cada sujeito tem função, mesmo que inconscientemente os grupos são demarcados pelas relações interpessoais. Freire (1995) cita Pichón Riviére e sua teoria dos 3 D: depositante, depositário e depositado que se resumem em projeções de papéis sociais assimilados e atribuídos aos integrantes dos grupos. De acordo com os conceitos mencionados pelos autores, em todo grupo há: “o líder do movimento”, “o líder da resistência”, “o silencioso”, “o bode expiatório” e “o porta voz”. O líder do movimento é descrito como aquele integrante do grupo que impulsiona as ideias, o líder da resistência é o que sempre assume e é atribuído o papel “do contra”, ou seja o que é contrário ao estabelecido (é importante ressaltar que tanto o líder do movimento quanto o líder da resistência são conceituados pela autora como forças de equilíbrio no grupo em que um papel não pode ser desempenhado e assimilado sem o outro). O silencioso é aquele que prefere se omitir e cala-se, absorvendo todos os problemas do grupo em silêncio. E ao porta voz é atribuído o papel de comunicador, liderança de comunicação. Já o papel projetado ao bode expiatório é o de culpa por todos os problemas do grupo, a ele é atribuído tudo o que ocorre de errado. A tríade respeito, acolhimento e ética se fazem atreladas à Educação sendo esta responsável pelos esclarecimentos das diversas conceituações más formuladas provocadas pela intolerância e a hipocrisia social que incita a escolher culpados pelas mazelas sociais.

A vivência no interior de grupos é uma experiência comum a todos nós; consistem em padrões que derivam de imposições que são de natureza sociocultural. As projeções é fundamentalmente a qualificação desses comportamentos os valores morais são impostos culturalmente. O grupo é, sobretudo político é o que permite a educação na construção da cidadania, a educação na perspectiva ética dever ser assumida como prática simultaneamente técnica e política.

Mediante ao exposto enquanto futuro docente se faz necessário à identificação dessas projeções para o bom andamento das relações estabelecidas entre os integrantes do grupo. Dessa maneira é crucial que o indivíduo na formação inicial, tenha conhecimento organização grupal para evitar conflitos na sua futura prática docente, como também facilitar o convívio com a diversidade durante seu processo de formação.

De acordo com o aporte teórico referenciado sobre a definição de grupos e projeções pode-se aferir que o processo de socialização é sempre envolto por embates e dúvida porque as representações integra - se a realidade cultural e esta é heterogênea e contraditória. Isso ocorre por que no âmbito social a este panorama de conflitos revela-se um desafio para o sujeito que é solicitado a aceitar determinados costumes e tradições. Assim pode-se refletir que necessitamos aceitar a ideia de que o homem e a sociedade são sempre imperfeitos, cheios de contradições.

A educação deve assumir a difícil função de fazer da diversidade um ponto positivo de apreensão mútua entre sujeitos e grupos. O maior objetivo da Educação ao qual emprega todos os esforços necessários é a consolidação de uma cidadania consciente.

Estar inserido em qualquer grupo seja ele religioso, familiar, de amigos e outros implica aprender a lidar com problemas, administrar as diferenças para conseguir alcançar os objetivos pretendidos pelo grupo. Compreensão das relações interpessoais mostra-se vital, uma vez que os profissionais utilizam-se destas como ferramentas para exercer seu ofício e também viver. Acima de tudo se faz necessário se compreender a relevância da boa relação interpessoal.

A escola tem enquanto função primordial o social os cuidados pedagógicos requerem integridade pessoal, capacidade de olhar atento diálogo, comunicação e elaborar soluções para os problemas.

Os educadores se encontram no centro da ação educativa tendo enquanto tarefa formar valores e princípios morais a ética está em vários contextos.

O processo de ensino e aprendizagem significativo se dar no interior de boas relações interpessoais, é também possível aprender mediante a situações conflituosas e difíceis, porém tal aprendizado não carrega o mesmo valor em comparação ao construído através de relações interpessoais agradáveis.

### **3.-Formação inicial docente e o conceito de Relação.**

A palavra relação é muito utilizada em nosso cotidiano de acordo com Carvalho (2019) o conceito de relação mais aproximado ao que concebemos nessa discussão é definido enquanto: “caráter estado de duas ou mais coisas que mantêm entre uma conexão”. Guareshi (1998) discute o conceito de relação e o de ser humano para delimitar uma temática presente nos grupos e interações entre seus componentes: a alteridade. O conceito de ser humano é apresentado pelo autor sobre três perspectivas: a de indivíduo, a do ser humano como a parte de um todo, uma “peça na máquina” e a terceira e mais importante: o ser humano é relação. O autor destaca que “ser” relação não é o mesmo que estar em relação. A alteridade implica em si reconhecer através do outro, pois assim como afirma Leite (2010) nós também somos imagem e espelho. O autor disserta que a imagem do “eu” é também construída pelo o que os outros dizem de nós.

Por meio do exposto podemos aferir que somos formados por relações, desse modo os processos educativos que envolvem a formação inicial docente também estão envolvidos por relação.

Somos construídos de nossas relações por isso devemos aprender a se relacionar. De forma elucidadora Leite (2010) realiza a articulação entre educação e relação interpessoal ao apresentar como relações de “antipatia” e “simpatia” são construídas em sala de aula a partir de relações de alteridade.

Para Guareshi (1998) o “Outro” não é “diferente” ele se faz enquanto “distinto”, podemos concluir que o outro está em nós e devemos aceitá-lo não com distanciamento, mas com acolhimento.

Os processos educativos apenas se realizam pautados nas relações interpessoais, e “nós somos relações”, desse modo é necessário aprender a enxergar o “outro” e acolhê-lo enquanto parte integrante nossa. Ver o outro implica em enxergar a nós mesmos.

“Os outros, os diferentes muitas vezes estão perto de nós, e ao mesmo tempo estão dentro de nós, mas não estamos acostumados a vê-los, ouvi-los reconhecê-los, valorizá-los e interagir com eles.”(Moreira e Câmara, 2010, p.31)

Desse modo cabe a nós enxergar o outro, não apenas valendo de estratégias para afastá-lo, ou evitá-lo, mas adotando estratégias de acolhimento, isso não é um exercício fácil, porém é necessário, acolher o outro implica em assumir que mesmo com tantas coisas que eu não goste este outro faz parte de mim.

Nery e Rech (2019) aferem que ao pensarmos na palavra “inclusão” logo é possível perceber que não se trata de algo simples, fácil, dado. A inclusão sugere colocar todos para dentro, sugere não deixar ninguém de fora, ou seja, contemplar o que chamamos de “todo”, nas diversas esferas sociais.

Ainda na linha de compreensão do conceito de relações interpessoais e grupos o para a formação docente, a educação do cidadão e da cidadã deve levar em conta a dimensão comunitária das pessoas, seu projeto pessoal e também sua capacidade de universalização, que deve se construir valores na Escola e na sociedade dialogicamente, pois, dessa maneira, elas poderão ajudar na construção do melhor mundo possível, demonstrando saber que são responsáveis pela realidade social. De forma específica, a educação visando as relações interpessoais deve ajudar na análise crítica da realidade cotidiana e das normas sócio morais vigentes, de modo que contribua para idealizar formas mais justas e adequadas de convivência.

Educar para ser relação é buscar o consenso cultural que iniba qualquer ameaça aos direitos da pessoa. Direitos individuais e sociais são construir valores que independem da moralidade, mas no fazer e ser o bem.

#### **4.-Afinal, forma-se através das relações interpessoais ou para as relações interpessoais?**

Aquele que vivência o processo da sua formação inicial docente balizado na compreensão das relações interpessoais, terá mais facilidade de se relacionar com o “outro”. Podemos aferir tal hipótese a partir da afirmativa: “A educação como processo de formação através das relações interpessoais, não se separa da educação como forma de se preparar para as relações interpessoais” (Leite, 2010, p.319).

Acolher o outro também significa abrir perspectivas para atribuição de sentidos de suas práticas, tal ação implica em ressignificar as atitudes do “outro” para acolher e não meramente para impregnar juízos de valores. Impregnar juízos de valores é algo humano e inevitável, porém não se devem resumir as relações apenas a isto, é necessário enxergar as atitudes do outro com empatia.

A transformação do “outro” em “eu” ocorre a partir do momento que aceito enquanto parte de mim. É relevante o autoconhecimento, a escuta e olhar para si mesmo.

Leite (2010) alerta tantas vezes falta ao professor saber ouvir e buscar compreender suas palavras.

Mediante tal assertiva defende-se que o conhecimento de si ocorre na escuta do outro, forma-se a partir do processo de escuta, educa-se para vivenciar relações e para ser relação.

Faz-se necessário a compreensão de que o processo de formação docente é indissociável das relações interpessoais e estas ocorrem no interior de grupos moldadas pelo estabelecimento de relações, porém mesmo sendo identificados esses elementos ainda se fazem comumente invisibilizados e negados no processo educativo, sendo relevante um olhar mais atento do quanto esses fatores podem interferir no processo de formação docente.

A identificação desses temas atrelados a constituição da docência se apresentam densos por transitarem diretamente no campo das subjetividades, da identidade, do impreciso, pois tange não apenas enxergar o outro, mas também a si mesmo, de tal modo a se auto designar enquanto objeto de análise, implicando não apenas no aprender a “fazer” enquanto profissional, mas no aprender a “ser” enquanto ser humano, sendo a formação docente o ofício cujo profissional apenas é capaz de se formar individualmente se adentrar primeiramente no coletivo.

O espaço escolar é um lugar que deve ser investido para uma melhor aprendizagem dos alunos e desenvolvimento educacional, pois os alunos passam maior parte do seu tempo na escola, onde acabam criando um vínculo com a mesma, assim este é um espaço de subjetividades, um espaço heterogêneo, onde se produz saberes e que torna-se um lugar de memórias, e trocas de conhecimentos.

A formação dos sujeitos se consolida pela boa relação interpessoal na educação escolar, o levantamento de problemas e questionamentos como elemento de movimentação da prática pedagógica pode realizar um trabalho importante somente quando resultar de um processo que se conecte o emprego de problemas, mesmo que ainda não se caracterizem como problemas científicos nos moldes de produção de conhecimentos novos.

## **5.-Conclusão.**

Quando se trata de um processo complexo quanto a formação docente, impossível desvinculá-lo de grupos e relações interpessoais, pois na aprendizagem da docência todos os que estão envolvidos, possuem uma história para contar, uma vez que o processo de formação é um segmento em que as vivências individuais se cruzam formando o coletivo, e assim constituídas por experiências satisfatórias ou não, somos enquanto profissionais constructos de nossas experiências.

Ao tecermos sobre Grupos, Relações e o processo de formação docente não reduzimos nossas análises ao espaço escolar, alargamos nossas considerações aos diversos grupos

sociais ao qual o sujeito docente em formação participa o grupo familiar, religioso, entre outros, não restringimos nossas análises apenas ao espaço de sala por aferir que a identidade docente é construída ao longo das diversas vivências sociais e na formulação dos variados laços afetivos e relações consolidadas. O que se apresenta em uma proposta de se enxergar a formação docente como um todo, o que exemplifica quando concordamos com a relevância do ser relação apontada por alguns autores.

Visibilizar as relações interpessoais implica em caminhar no campo das subjetividades e incertezas, propondo assim reflexões sobre a identidade que perpassam complexas relações de identidade ao enxergar o “eu” no “outro”, em um contexto que o outro acaba sendo espelho da minha prática adotada a medida que escolho o que deve ser acolhido ou não.

Refletir sobre essas relações são uma forma de contribuir para a organização de práticas e processos já consolidados, abrir possibilidades para que os sujeitos envolvidos pensem as questões que integram suas atuações, além de permitir que outros conheçam os outros e consequentemente a si próprios.

Torna-se mais complexo relatar o “outro” e identificar alguns aspectos quando se faz parte diretamente desses processos de ensino, isso ocorre por que é um ambiente formado por diversos sujeitos e identidades e no que se refere ao trato dessas diversas identidades perpetuadoras do espaço.

A escola enquanto espaço social de vivências e conscientização se faz o lugar para discussão sobre relações interpessoais, a discussão propõe que a noção dos significados e dos sentidos de seus atos possibilita ao professor entender o momento histórico em que atua e o perfil profissional que se apresenta nas condições e situações do trabalho docente estabelecidas socialmente.

A formação deve estar pautada nas mudanças que ocorrem na sociedade, já que a escola está apta a formar e instruir o homem para a vida social, levando em consideração as contribuições do mundo econômico e tecnológico, de acordo com as necessidades do mundo moderno que se concretiza peculiarmente dentro do espaço escolar e da sociedade.

As boas relações interpessoais favorecem a criação de situações interativas flexíveis como ponto norteador do trabalho docente é relevante para a prática eficaz e condizente com a realidade dos educandos para que estes se sintam encorajados e estimulados ao aprender trazendo atividades inovadoras e rotinas de aulas diversificadas, para que então se possa colocar as descobertas em prática no mundo em que vive, criando novos saberes indispensáveis as nossas vivências no meio social e cultural, exercendo com sabedoria e conhecimento pedagógico o ato educativo, pois a cada dia encontram-se maneiras e possibilidades que auxiliam nessa busca constante para que o professor possa desempenhar o seu papel, que é oferecer um trabalho de qualidade e que vise, principalmente, o contínuo aprendizado dos sujeitos sociais – alunos. Ensinar implicará em uma ação transformadora que exige do profissional bom senso humildade, esperança, respeito às diferenças. Apenas por meio da adoção dessa postura o educador conseguirá promover uma ação educativa emancipadora e transformadora da realidade social. A prática educativa eficiente é aquela que promove a autonomia do educando por meio da educação problematizadora. A pesquisa, criticidade, a estética, a ética, o comprometimento, são critérios importantes no ato de ensinar, ensinar também exige a coorporização das palavras pelo exemplo, ou seja ensinar implica em fazer o que se fala, condizer com suas ações, tais características resumem o formar para ser e viver em relação.

## **6.-Referências bibliográficas.**

- Carvalho, L. B. (2019). *Minidicionário Larousse da Língua Portuguesa*. São Paulo: Larousse do Brasil.
- Cunha, M. I. (2004). Inovações: conceitos e práticas. Em M. E. Castanho, & S. Castanho (Eds.). *Temas e textos em metodologia do ensino superior*. Campina: Papirus.
- Freire, M. (1995) *O que é um grupo?* Em E. P. Grossi & J. Bordin (Ed.). *Paixão de Aprender*. Petrópolis: Vozes.
- Guareschi, P. (1998). Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. Em A. Arruda (Ed.) *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes.
- Hall, S. (2011). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: L&PM.
- Leite, D. M. (2010). Educação e Relações Interpessoais. Em M. H. S.Patto (Ed.). *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moreira, A. F. e Candau, V. M. (2008). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Nery, M. C. R. & Rech, T. L. (2020). *Inclusão na contemporaneidade: possibilidades para pensarmos a docência e a aprendizagem*. Recuperado de: <http://www.exatasnaweb.com.br/revista/index.php/anais/article/view/744>
- Veiga-Neto, A., & Lopes, M. C. (2011). *Inclusão, exclusão, in/exclusão*. Recuperado de: <https://doi.org/10.23925/verve.v0i20.14886>